

REFLEXÃO

CONFLITOS E CONFRONTOS

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

O conflito é algo criativo (...)
O confronto é a tentativa de anular o outro.
Mario Sargio Cortella

AINDA COM a ressaca da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, vem o susto dos foguetes do Hamas em Israel e se reinicia outro antigo conflito: o confronto covarde do terrorismo e a resposta imediata e irada do agredido. São milhares de mortes, um absurdo que faz o velho ressurgir das cinzas. Em um confronto da autocracia com a democracia, do mal contra o bem, qual lado vencerá?

Há uma lenda do povo indígena *cherokee* (dos EUA) na qual um ancião dá lições de vida aos seus netos: "estou travando uma luta dentro de mim entre dois lobos: um é o medo, a cólera, a inveja, a tristeza, o remorso, a arrogância, a autopiedade, a culpa, o ressentimento, a inferioridade e a mentira; o outro é a paz, a esperança, o amor, a alegria, a delicadeza, a benevolência, a amizade, a empatia, a generosidade, a verdade, a compaixão e a fé! Vencerá aquele que for alimentado".

Em tempos de conflitos como a questão do marco temporal no Brasil, ou dos confrontos externos supracitados, vale muito a reflexão do ancião *cherokee*: como e a quem alimentar?

No marco temporal, a lógica do conflito é a de tirar a incerteza do negócio brasileiro que compete contra subsídios, protecionismos, barreiras etc. para gerar empregos e contribuir com a manutenção positiva da balança comercial. Isso fará o Congresso Nacional gerar, dentro da Constituição, novos rumos. Nos confrontos externos, que impactam preços e a logística global – e que podem descarrilhar o trem da paz global –, deve-se alimentar a democracia, a porta aberta da paz!

Em uma época de inflação resiliente, com déficits fiscais crescentes e um pífio crescimento das economias, os nervos andam à flor da pele. É sensato ajudar a abaixar a poeira, apoiar a busca do equilíbrio, mas sem ignorar a lógica do direito dos países agredidos de se defenderem.

Em meio a esse cenário, tenta-se discutir a descarbonização do Planeta, envolvido em queimadas e nas cinzas da guerra. Procura-se estabelecer a redução do uso de combustíveis fósseis, mas o que vemos é o aumento de seu emprego...

Nas incertezas, na constante tensão e na imprevisibilidade sobre os conflitos e os confrontos, cada país deve investir naquilo que é protagonista. O Brasil deveria fazer isso com o seu agronegócio! Afinal, a inefetividade da Organização das Nações Unidas (ONU) é, nas palavras de William Waack, só o espelho do processo de dissolução da ordem internacional que guerras em Israel e na Ucrânia expõem e aceleram. Há estratégias militares, mas não políticas para enfrentar conflitos como esses. Isso agrega riscos ainda maiores de conflitos regionais se tornarem confrontos globais.

A economia global mostra resiliência, mas, nas palavras do jornalista britânico Martin Wolf (do Financial Times), vem mancando. Políticas fiscais e dívidas dispendiosas dos países antecipam choques financeiros, e devemos lembrar que resiliência não significa bom desempenho. A fratura geopolítica, o protecionismo ampliado e os desafios climáticos – sob o véu das inseguranças alimentar e energética – são questões que levam a conflitos que podem virar confrontos.

Reconhecer que são problemas essencialmente políticos, ou complexos, seria a base da busca de consensos, na linha dos interesses comuns. Que tal começar em casa? ■

"A fratura geopolítica, o protecionismo ampliado e os desafios climáticos – sob o véu das inseguranças alimentar e energética – são questões que levam a conflitos que podem virar confrontos."